



O CHAPEU DA MODA

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do Jornal O SÉCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Propriedade de: Z. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Oficinas de Com-
posição e Impressão: Rua DO SÉCULO, 43

N.º 300 Lisboa, 20 de Novembro de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLÓNIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno, 4\$800—Semestre, 2\$400—Trimestre, 1\$200

O passado, o presente e o futuro



REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE
E PHYSIONOMISTA DA EUROPA

Madame

BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparável em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, chronologia e phisiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambröze, d'Arpenigney, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — LISBOA. Consultas a 1\$000 rs., 2\$300 e 3\$000 rs.

A Seda Suissa É A MELHOR

Pegam as amostras das nossas novidades em preto branco ou cor:

Duchesse, Voile, Satin Ilexivel, Taffetas, Grêpe de Chi-ne, Eolienne, Gôtelé, Mous-seline, largura 120 cm. a partir de 1 fr. 25 c. o metro, **Veludo e Pe-luche** para vestidos, blusas etc. assim como **blusas e vestidos bor-cados** em batiste, lã, linho e seda.

Vendemos as nossas sedas garanti-das solidas **directamente aos freguezes e francas de porte a domicilio.**

Schweizer & C.^o
Lucerne E 12 (Suissa)

Exportação de sedas. Fornecedor da Corte Real

BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

**RHEUMATISMO
GOTA
NEURALGIAS**

D^o BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



A VENDA

Almanach do SÉCULO

A VENDA

PARA ENCADERNAR

Ilustração

Portuguesa

Já estão á venda bonitas capas em per-caline de phantasia para encadernar o **PRIMEIRO SEMESTRE D'ESTE ANNO** da «Ilustração Portuguesa».

Desenho novo de optimo effeito

Preço 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-m-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontispicio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO "SÉCULO"

43, Rua do Sécuro, 43

LISBOA



Comprimidos BAYER
de **ASPIRINA**
Remedio soberano contra
Grippe, Influenza, Constipações, etc.



A Exposição de um grande artista O aguarellista Roque Gameiro



1—Roque Gameiro
2—Costumes portugueses
«Mulher do Minho»
3—Aspecto pittoresco
de Lisboa
«Casa antiga do Largo
Menino de Deus»

Inaugurava o aguarellista Roque Gameiro, no dia 9, com uma exposição de numerosíssimos trabalhos — tanto d'elle como de suas filhas D. Rachel e D. Helena e de seu filho Manuel,— o seu novo atelier-escola da rua D. Pedro V.

Uma exposição da obra do mestre insigne da aguarella não pôde, quando mesmo n'um periodo como este em que as attentões publicas andam divorciadas da Arte, decorrer despercebida. E' um acontecimento. Na propria Inglaterra, onde os aguarellistas constituem uma confraria artistica notabilissima, e que passa com sobeja razão por ser a «patria da aguarella», de tal modo a arte de aguarellar attingiu a perfeição, Roque Gameiro seria uma notabilidade. Na sua obra

immensa, em que tem desbaratado talento e trabalho em quantidades sufficientes para fazer a reputação de uma pleiade de artistas, o magistral aguarellista portuguez tem vindo de perfeição em perfeição até ás obras primas da sua serie actual dos aspectos da Lisboa pittoresca, que representam o auge da sua technica surprehendente.

Nunca com maior segurança e maior fluidez, com uma tal espontaneidade e frescura de colorido o macio pincel de um aguarellista



1—Aspectos pittorescos de Lisboa:
«Uma viella da Mouraria».



2—Aspecto pittoresco de Lisboa:
«Escadinhas de S. Miguel».



3—Aspectos pittorescos de Lisboa: «O largo da Achada, na Mouraria».



interpretou a paisagem, fixou efeitos de luz e movimento. A sciencia de composição attingiu na arte do artista exímio um encanto e uma belleza supremas. Taes quadros como a *Rua da Judiaria*, *Escadinhas de S. Miguel*, *Largo da Achada*, *Aco do Marquez de Alegrete*, *Viela de Alfama* — todos da serie notabilissima da Lisboa Velha, — são verdadeiras joias de arte, quer pelo rigôr da reconstituição, que os valorisam em authenticos documentos historicos de que a Camara Muni-



- 1 — Aspectos pittorescos de Lisboa
- 2 — Rua da Judiaria
- 3 — Costumes portugueses: «Ciganas em Alvito».



2 — Costumes portugueses: «Ovarinhas»

pal deveria fazer aquisição, quer pela applicação impecavel dos recursos de technica e de *sentimento* que n'elles resplandecem, como se os destinasse o artista a constituirem a prova de exame da sua consagrada maestria. A fluidez das atmosferas, os efeitos panoramicos de



perspectiva, o relevo impressionante de todos os detalhes até aos mais minúsculos, sem que essa minuciosidade de modo algum amesquinhe os assumptos com o caracter de miniaturas, a firmeza na distribuição das aguadas, na gradação dos tons, e sobretudo esse magico sentimento da luz, que se substitue ao sol na iluminação de todas as suas obras, fazem d'ellas objectos de belleza digno de uma fama européa.

Entre aquelles que entre nós teem o culto da Arte a reputação de Roque Gameiro não carece de ser instaurada com elogios. E' hoje um mestre, na mais prestigiosa accepção da palavra; e só as circunstancias modestas em que um artista de tal envergadura está condemnado a viver em Portugal permitem a quantos desejam exercitar-se e apurar-se na arte delicada da aguarella tel'o como professor, quando



1—Aspectos pittorescos de Lisboa
«O arco do Marquez de Alegrete»

2—Costumes Portuguezes

3— Aspectos pittorescos de Lisboa:
«A rua do Castello, na Mouraria»



A madrugada em

Villa Franca

n'outro paiz elle seria inacessivel ao ensino.

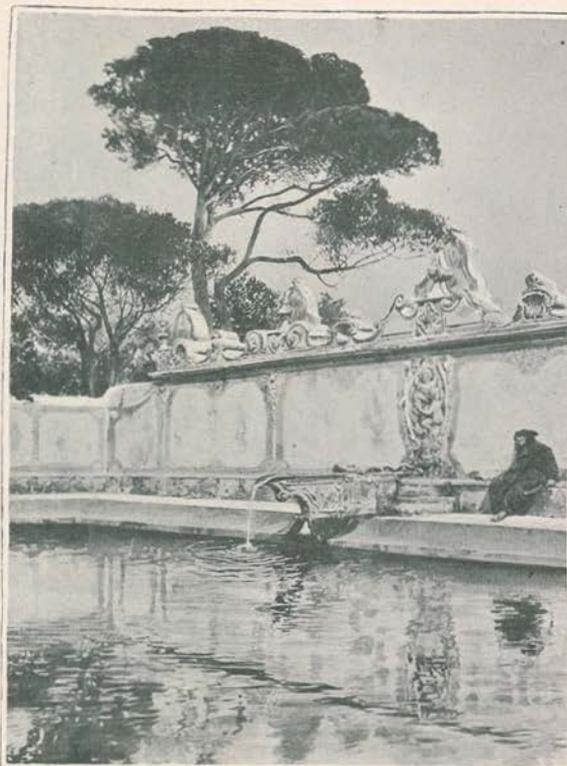
Porque — e por isso lhe chamamos atelier-escola, — no magnifico atelier da rua D. Pedro V, Roque Gameiro inaugura ao mesmo tempo que a sua exposiçao formosissima, um curso de pin-

tura de aguarella, por certo destinado a uma grande e selecta concorrencia.

Conjunctamente com a sua obra, o grande artista expoe a dos seus mais dilectos discipulos: de suas duas filhas D. Rachel e D. He-



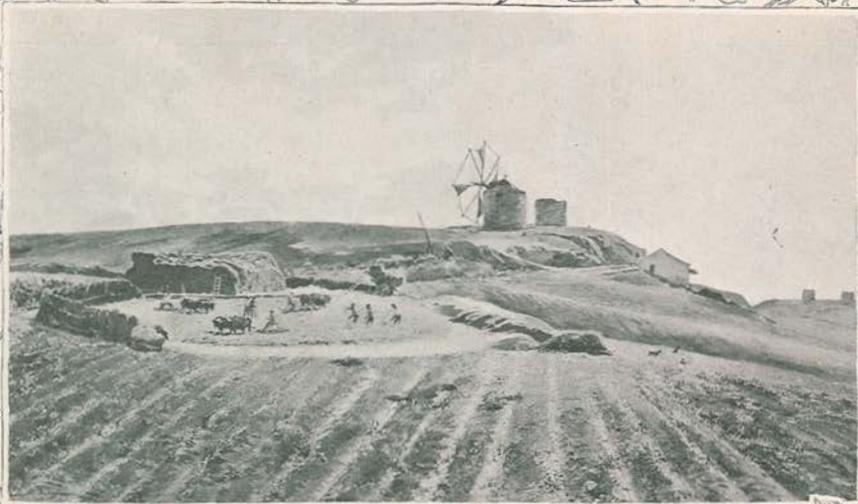
Costa de Caparica



lena e de seu filho Manuel, como já dissémos. No seu proximo numero, a *Illustração Portuguesa* dedicará uma apreciação especial aos trabalhos das duas filhas de Roque Gameiro. Por todos os motivos ellas a merecem, não apenas pelo logar de destaque que as suas obras occupam na exposição, no perigoso confronto com a obra admiravel do mestre, como pelo logar que no coração d'este ellas occupam. Roque Gameiro não se limita porém a amal'as como filhas. Admira-as como artistas, feliz por lhes ter propagado o seu talento, mais feliz ainda por vel'as, emancipadas da sua influencia de escola, procurarem modos de interpretação originaes e não se reduzirem a imital'o.



1—O tanque do convento do Carmo em Collares



2—A eira do Casal de S. Braz (Palagueira)
(clichés de Benoliel)

SUCCESSOS THEATRAES O "CHICO DAS" PÊGAS



A estação theatral de inverno inaugurou-se com um successo. De bom prenuncio isto é. Successo incontestado, que chamou toda Lisboa a um theatro modesto, fóra de mão como se diz n'esta terra pequena, onde todas as casas de espectáculo estão arrumadas em dois grupos: os theatros do Chiado e os theatros do Rocio. O exito da operetta de Schwalbach não veio porém provar senão que a crise theatral é mais a resultante de uma ausencia sensivel de boas peças do que da falta de publico. Schwalbach nunca conheceu a tristeza acabrunhadora das casas vazias.

O seu nome é, como esses pequenos e engenhosos instrumentos usados pelos caçadores de passaros para os atrahir ás armadilhas, um chamariz de publico. Atrevendo-se a experimentar a profissão arriscada de empresario, Schwalbach mostrou ter confiança no publico. O publico tem confiança n'el'e. Ambos, ainda uma vez, não tiveram senão que congratular-se por essa mutua confiança. Quando o *Apollo* abriu ha pouco mais de um mez com a operetta *O Chico das Pêgas*, não faltou quem agoirasse mal da estreia do empresario-auctor. Esses eram porém os que não conheciam os recursos prodigiosos do grande humorista theatral, do comediografo admiravel a quem a litteratura dramatica portugueza é devedora de uma duzia de obras magistraes, de endiabrada *verve* e de discreta emoção. Uma operetta portugueza? Que podia a fantasia de Schwalbach para salvar um genero provavelmente inatavel em Portugal? E não faltou quem fôsse ao *Apollo*, na primeira noite, para espregar o fiasco. Todavia o fiasco transmudou-se em triumpho. O dramaturgo da *Cruz da Esmola* soubera restaurar o prestigio da operetta portugueza. E com que juvenil talento!

Com que exptantea graça! Bastaria esse assombroso quadro de costumes do 2.º acto, digno de rivalisar com o melhor que a Hespanha tem produzido na zarzuela, para consagrar um



1—Eduardo Schwalbach 2—A abertura do 2.º acto

auctor. E como se fôra pouco o humorismo scintillante da comedia, a que não falta a contextura simultanea de uma dôce acção sentimental, ainda Filippe Duarte a enriquecera com uma partitura encantadora, do melhor que até hoje se deve á sua inspiração. Um desempenho harmonico, optimo nas partes comicas, uma *mise-en-scène* cuidadissima, um scenario excellente acabavam de justificar o exito estrosondo da linda operetta.

O leitôr já foi vê'l'a?



1—O final do 2.º acto
2—A grande scena do 3.º acto



A INCURSAO DO PALADINO

NARRATIVA COORDENADA
POR JORGE D'ABREU

A narrativa da incursão de 4 de outubro tem como prologo a descoberta do *complot* monarchico na segunda cidade do paiz. O *complot* precedeu a incursão de alguns dias, quando devia ser simultaneo.

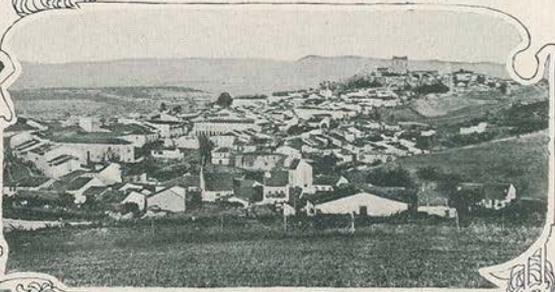
Ainda não está devidamente averiguado por que se deu essa anticipação. Tentou-se explicita-pela impaciencia dos chefes civis da conjura. Crêmos, porém, que foi o proprio Paiva Couceiro quem a aconselhou, calculando facilitar assim a sua entrada em Portugal e uma marcha que suppunha triumphal desde a serra de Montesinho (na raia transmontana) até o Porto.

A descoberta do *complot*... O caso passou-se d'este modo. Na madrugada de 30 de setembro, a policia d'aquella cidade, minuciosamente informada do que os elementos politicos adversos á Republica andavam preparando para d'ahi a horas, sahiu-lhes ao encontro e, assombrando-os pela surpresa, fez abortar todos os planos. A fusilaria no Palacio de Crystal, onde se haviam reunido dezenas de conspiradores; o tiroio em Villa Nova de Gaya, esboço d'um ataque a artilharia 5; o assalto ao Circulo Catholico e a subsequente prisão de trinta e tantos individuos que se diziam aggremiados n'esse momento para a fundação d'um monte-pio; todos estes episodios e outros de menor importancia desenrolados na madrugada já referida, nada mais foram, afinal, do que a resultante da *péga de cara*—permita-se-nos a qualificação—feita pela policia ao *complot*.

E essa *péga* evitou o choque sangrento, que fatalmente se produziria a dentro dos muros do Porto se os conspiradores teem conseguido, como projectavam, encerrar algumas peças de artilharia, atacar ou sublevar os quartéis de infantaria 6 e 18, occupar o telegrapho, o governo civil e o quartel general e cercar as casas dos funcionarios do novo regimen—para os impedir de comparecer, ao primeiro signal de alarme, nos sitios em que a sua acção



A principal rua de Bragança



1—O coronel Bayam, commandante militar de Bragança quando da incursão
2—Bragança. Vista do poente

contrariaria o
exitto do movi-
mento.

**O primitivo
plano de Paiva
Couceiro
delineava uma
incursão
no Minho**

Liquidado o *complot* do Porto, Paiva Couceiro, embora essa liquidação lhe prejudicasse enormemente o projecto da investida, decidiu effectual-a o mais rapidamente possível, não deixando esfriar a natural agitação que aquelle acontecimento produzia em diversos pontos do paiz. Porque não era só o Porto que o devia auxiliar na execução do projecto. D'outras terras do Norte tinham-lhe prometido apoio decisivo e em certas guarnições militares contava, pelo menos, no momento opportuno, com a inactividade d'uns tantos elementos.

N'esta altura cabe referir que ao iniciar na Galliza a formação do nucleo invasor, Paiva Couceiro pensava então em abordar o Minho. Depois escolheu a fronteira de Chaves e fez da provincia de Orense a base para o lançamento da incursão. Durante



semanas, Verin, Oimbra, Granja, Casas de Montes, Samaguellos, Rabal e as duas Feces alojaram os seus alliciados e se aquella idéa não foi por deante, devemol-o sem duvida á apprehensão do armamento transportado pelo *Gemma*—umas tres mil espingardas com o respectivo cartuc hame e quatro canhões Krupp.

Recentemente, um jornalista gallego insinuou que essa diligencia fôra levada a cabo com relativa facilidade, não só porque os conspiradores, desprezando

conselhos de prudencia, tinham mandado vir a encomenda do material de guerra n'um barco «que deu logo nas vistas e em caixas que rebentaram com o peso das armas e munições», mas porque o governador de Orense, despeitado com um influente politico local, auxiliar de Paiva Couceiro, resolvera proceder n'essa conjunctura com a mais stricta imparcialidade. Comtudo, ou a apprehensão fosse effectuada após a denuncia de um republicano de Pontevedra ou em consequencia das revelações de um portuguez ao tempo residente em Londres, o caso é que ella obrigou o chefe das forças realistas a adiar a projectada investida e até a escolher outro ponto para a entrada d'essas mesmas forças em Portugal.

Paiva Couceiro mudou de tactica. Longe de concentrar immediatamente os elementos



1—O primeiro ferido da curta campanha: o soldado das hostes monarchicas pertencente ao pelotão commandado por D. Pedro de Lencastre, que os seus camaradas alvejaram com receio de que fosse um espião republicano
2—A estrada de Vinhaes a Bragança. Ao fundo a eminencia que os realistas occuparam

de que dispunha na zona hespanhola mais proxima do sitio marcado para a incursão, deixou-os ficar na provincia de Orense, apparentando visar ainda e por muitas semanas a fronteira de Chaves. E só no mez de setembro é que ordenou a sua deslocação em direcção á Puebla de Sanabria, visto que fixára em Lubian o rendez-vous do estado maior e os guias ao seu serviço lhe tinham indicado o caminho Lubian-Bragança como o de melhor accesso para um desfecho victorioso.

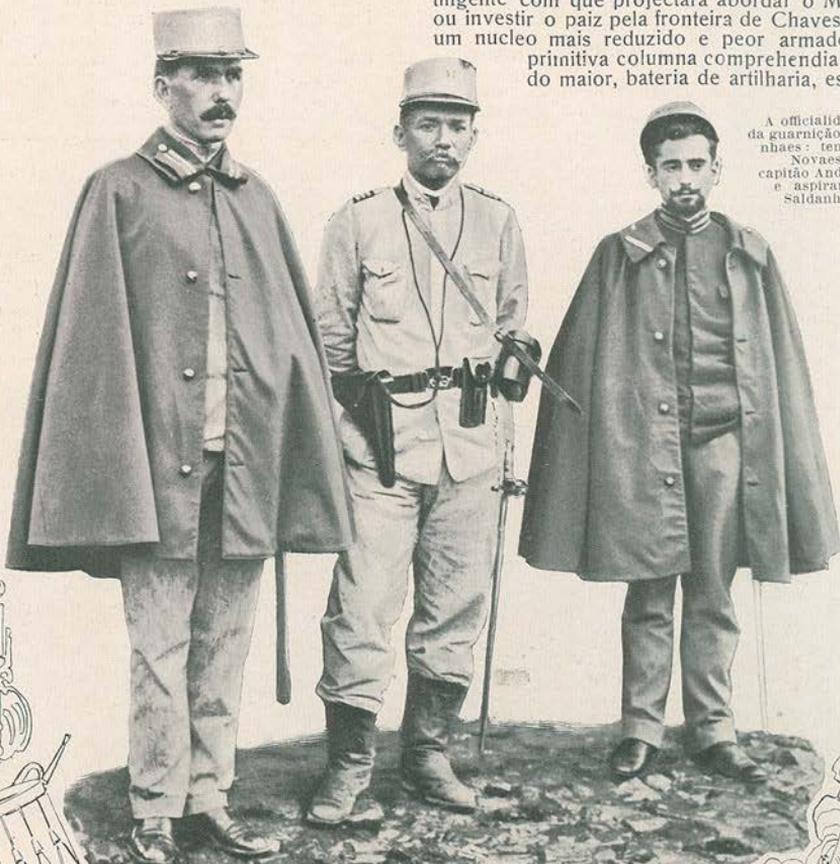
Ao entrar em Portugal o chefe realista não tinha peças nem cavallos

A deslocação das forças fez-se por pequenos grupos sahidos a intervallos regulares dos chamados postos de recrutamento sob o commando dos offi-

ciaes inferiores. Quasi sempre marchavam a pé, acampando de noite em locaes não distantes dos postos de aprovisionamento, anteriormente organisados. A's vezes, em meio d'uma *étape* de repouso, quando um d'esses grupos—cincoenta ou sessenta homens—reunidos em volta d'um caldeiro aguardava a cosedura de pedaços de vitella abatida em plena serra, surgia um troço de carabineiros ordenando a dispersão. O incidente, porém, não offercia difficuldade de maior. O commandante do pelotão de conspiradores intervinha no caso, conferenciava com os carabineiros e adduzia argumentos tão fortes e convincentes que os carabineiros davam o dito por não dito e retiravam promptamente para outro local...

Em fins de setembro, Paiva Couceiro actuou a deslocação das forças, conseguindo, no dia 1 de outubro, agglomerar na Puebla de Sanabria, cêrca de 1:200 homens. Não era o contingente com que projectára abordar o Minho ou investir o paiz pela fronteira de Chaves. Era um nucleo mais reduzido e peor armado. A primitiva columna comprehendia estado maior, bateria de artilharia, esqua-

A officialidade da guarnição de Vinnhaes: tenente Novaes, capitão Andrade e aspirante Saldanha



drão de cavallaria, tres ou quatro companhias de infantaria e uma secção de serviços auxiliares. Cada uma d'estas unidades tinha um chefe proprio que se correspondia directamente com o ex-capitão Jorge Camacho, logar-tenente de Paiva Couceiro. Mas a apprehensão do armamento transportado pelo *Gemma* e outras circumstancias imprevisitas haviam modificado sensivelmente as condições materiaes do exercito realista e quando elle effectuou a incursão, da *bateria de artilharia* e do *esquadrão de cavallaria* acima mencionados só existiam os soldados e os seus superiores hierarchicos. Não havia peças nem cavallos. Contava-se, no emtanto, que Portugal forneceria umas e outros.

Para armar os 1:200 homens do contingente, Paiva Couceiro dispunha apenas de quatrocentas espingardas de antigo modelo, de carabinas Winchester, de pistolas Mauser (que armam em carabinas) e d'umas centenas de pistolas automaticas, punhas e estoques. Parte do armamento estava depositado nas faldas da serra de Tejera, a dois passos do territorio portuguez e foi entregue aos conspiradores horas antes de todos elles atravessarem a raia secca. Dejeoso de aligeirar o mais possivel a columna incursionista, a fim de que a marcha dentro do paiz decorresse rapida, Paiva Couceiro desistiu de transportar material de acampamento e limitou o abrigo dos seus alli-



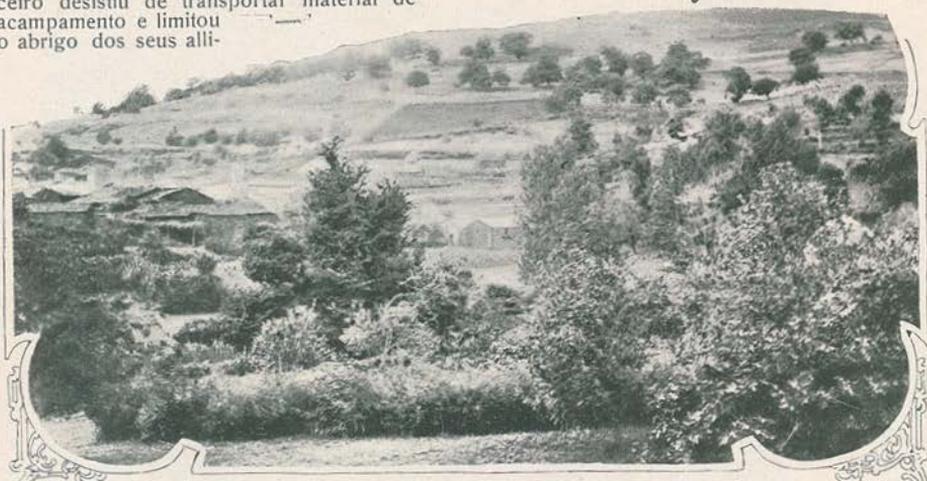
ciados a umas mantas ordinarias adquiridas na Galliza ao preço irrisorio de duas pesetas.

O fardamento das tropas tambem era cousa summaria: casaco e calça de *kaki*, boina escura e alpercatas. As mantas, uns punham-n'as enroladas a tiracollo, outros dependuradas dos hombros. Os officiaes distinguiam-se das praças de pret por umas

corças de metal amarello nas golas dos casacos e rosetas azues e brancas nas boinas. Disse-se a tal respeito, que na côr dos rosarios que muitos d'elles traziam ao pescoço residia uma differença hierarchica. Não é exacto. Sendo absolutamente facultativo o uso de taes emblemas, cada soldado ou official comprava-os da côr e da invocação que lhe apetezia.

«Não teremos necessidade de fazer fogo para expulsar os usurpadores»

Realizada a concentração das forças realistas na Puebla de Sanabria os officiaes do estado maior, com Paiva Couceiro á frente, sahiram de Verin a juntar-se-lhes, utilizando para isso vinte automoveis. E no dia 3 de outubro, pela tarde, o commandante em chefe dos incursionistas apresentava-se officialmente ao grosso do exercito, a maioria do qual nunca até então o vira senão em effigie.



1—O tenente Quaresma, ferido no combate de Casares
2—Nas proximidades de Vinhaes: a eminencia occupada pelas forças do commando do capitão Andrade

Paiva Couceiro, n'esse momento histórico, trajava á paisana: jaquetão e calça preta, chapéu largo de feltro, polainas escuras e apoiava-se a um pau ferrado. Falou a varios dos alliciados, inqueriu das suas disposições a respeito da aventura que iam tentar e no final exhortou-os a não trepidarem.

—Só quero, acrescentou, o bem da patria portugueza. O actual regimen, convencime d'isso, nunca lh'o proporcionará. Entrando d'aqui a pouco em Portugal, não vamos combater. Não temos necessidade de fazer fogo para expulsar do paiz os usurpadores do poder. As tro-

ocasião e toi levado a seguir para a povoação portugueza denominada Cova da Lua, onde o confiaram aos cuidados d'um lavrador alli residente.

Entretanto, a guarda fiscal do posto de Portello, apercebendo a marcha dos realistas na serra de Montesinho, destacou dois soldados que, n'uma galopada furiosa, vieram a Bragança dar conta da incursão. A's nove da noite de 4, o coronel Rego Bayam, comandante militar da cidade, tomava conhecimento do facto, antes mesmo que o capitão Andrade, da guarnição de Vinhaes, lh'o communicasse. N'esta



A Camara Municipal de Vinhaes, onde Paiva Couceiro hasteou a bandeira da sua ephemera monarchia restaurada

pas que se dizem republicanas estão pelo nosso lado...

Ao cahir da noite, a columna iniciou a marcha. Na vespera, um automovel que largára de Verin transportando ainda algum armamento, fora apresado pelos carabineiros e conduzido a Orense. Mas o incidente não alterou em nada o plano incursionista e Paiva Couceiro continuou a avançar, atravessando a linha da fronteira cêrca das duas da madrugada.

A passagem da raia foi caracterizada por outro incidente. Como os conspiradores suspeitassem d'um soldado do pelotão ás ordens de D. Pedro de Lencastre, procuraram desfazer-se d'elle e alvejaram-n'o com um tiro de Browning. O soldado, ferido nas pernas, recebeu um curativo de

altura, as hostes de Paiva Couceiro, tendo descido velozmente de Montesinho a Soutello, calculando atingir Bragança por surpresa, descobriram que os guias tomados em Lubian se tinham enganado no caminho e enfiaram sobre Carragosa e Espinhosella, entrando na segunda d'essas povoações na madrugada de 5.

Ahi, tiveram descanço de duas horas. Paiva Couceiro e o seu estado maior installaram-se na casa do maior proprietario da localidade e tendo recebido a informação de que, ao contrario do que esperavam, a guarnição de Bragança tomára posições hostis aos realistas, deliberaram—apesar da insistencia de Homem Christo e do conde de Penella—marchar immediatamente sobre Vinhaes.

**«O que diria o estrangeiro
se os realistas tomassem
Bragança?»**

O coronel Rego Bayam, avisado da incursão, distribuiu os trezentos soldados sob o seu commando pelas duas faces da cidade e as embocaduras das ruas principaes. A linha em frente da estação do caminho de ferro foi occupada pelo major Machado com cem homens e duas metralhadoras. Do lado do castello ficou igual força de infantaria 10.

As metralhadoras, pela sua disposição, enfiavam as estradas que os realistas provavelmente tomariam se pretendessem investir Bragança. E ás 10 da noite de 4, o coronel Rego Bayam suppondo tudo organizado para uma resistencia effizaz, aguardava, não sem alguma impaciencia, que Paiva Couceiro apparecesse.

Entretanto, o ministro da guerra, prevenido dos acontecimentos, punha-se em comunicação telegraphica com aquelle official. Essa conferencia, em que interveiu logo de começo o presidente do conselho e ministro do interior, versou, segundo as informações que temos por seguras, sobre dois pontos principaes: 1° o effectivo da guarnição de Bragança e o espirito que a animava; 2° a totalidade e o armamento dos elementos incursionistas. Em certa altura o ministro da guerra cedeu inteiramen-



O tenente Lourenço Pereira,
ferido no combate
de Casares

mo de crêr que n'essas instrucções figurasse a recommendação — que mais tarde se agitou como um espantinho ante todos os nucleos militares lançados em perseguição das hostes realistas — de que as forças republicanas deviam sempre abster-se do menor embate nas proximidades da fronteira. Tambem é de calcular que o coronel Rego Bayam houvesse aproveitado o ensejo em que falava a dois membros do governo para lhes pedir reforços de cavallaria e infantaria, sobretudo de cavallaria, visto que só dispunha n'esse momento de quinze praças e mal montadas.

«No dia 5 de manhã — affirmou o proprio commandante militar ao auctor d'esta narrativa — recebi do capitão Andrade destacado em Vinhaes a comunicação de que a columna inimiga acampára em Prada e que a força do seu commando ia occupar o Monte Rosario. Pedia-me ao mesmo tempo setenta homens de reforço ao seu destacamento. Este pedido, porém, era difficil de satisfazer, porque as espingardas que tinha em Bragança mal chegavam para a defeza da cidade. Além d'isso, não sabia se outra columna de conspiradores tentaria avançar sobre Bragança, enquanto a primeira operava sobre Vinhaes e não podia em boa logica deixar á mercê da incur-são os haveres da população da cidade, absolutamente confiados á minha guar-



2—A cadeia de Macedo
de Cavalleiros, de
onde se evadiram
no dia 3

17 presos politicos
3—O automovel que condu-
ziu para Macedo
de Cavalleiros os conspira-
dores

e o apparelho ao sr. João Chagas e o chefe do governo ditou ao coronel Bayam umas instrucções confidencias. E' provavel, é mes-



da. Por outro lado que diria o estrangeiro se os realistas tomassem Bragança? Bragança, entenda bem, um nome estreitamente ligado á tradição monarchica?... Em taes circumstancias resolvi esperar e ao fim da tarde, como regressasse de Mirandella um destacamento de infantaria commandado por um alferes e esses soldados—viajando em comboio— estivessem mais frescos do que aquelles que eu empregára na defeza da cidade, juntei-lhe uns vinte e tantos voluntarios e mandei seguir essa força pela estrada de Vinhaes com ordem não só de soccorrer o capitão Andrade como de ave-

abandonaram Espinhosella, atravessaram um riacho, passaram em Soeiro e foram a Prada, onde estacaram uns momentos colhen do informações. A' frente do bando iam varias mulheres e creanças agitando lenços, dando clamorosos vivas á monarchia. No couce, atropellavam-se centenas de camponezes que, desde Soutello, se haviam proposto acompanhar Paiva Couceiro. Eram, na sua maioria, gente desarmada, e que, longe de prestar auxilio aos incursionistas, lhes embaraçavam os movimentos.

O capitão Andrade, sabendo da aproximação da columna inimiga,



A rua de Vinhaes onde Paiva Couceiro passou revista ás suas forças depois da proclamação da monarchia, e onde, quatro dias depois, como mostra a photographia, se alinhava em revista a columna de marinha

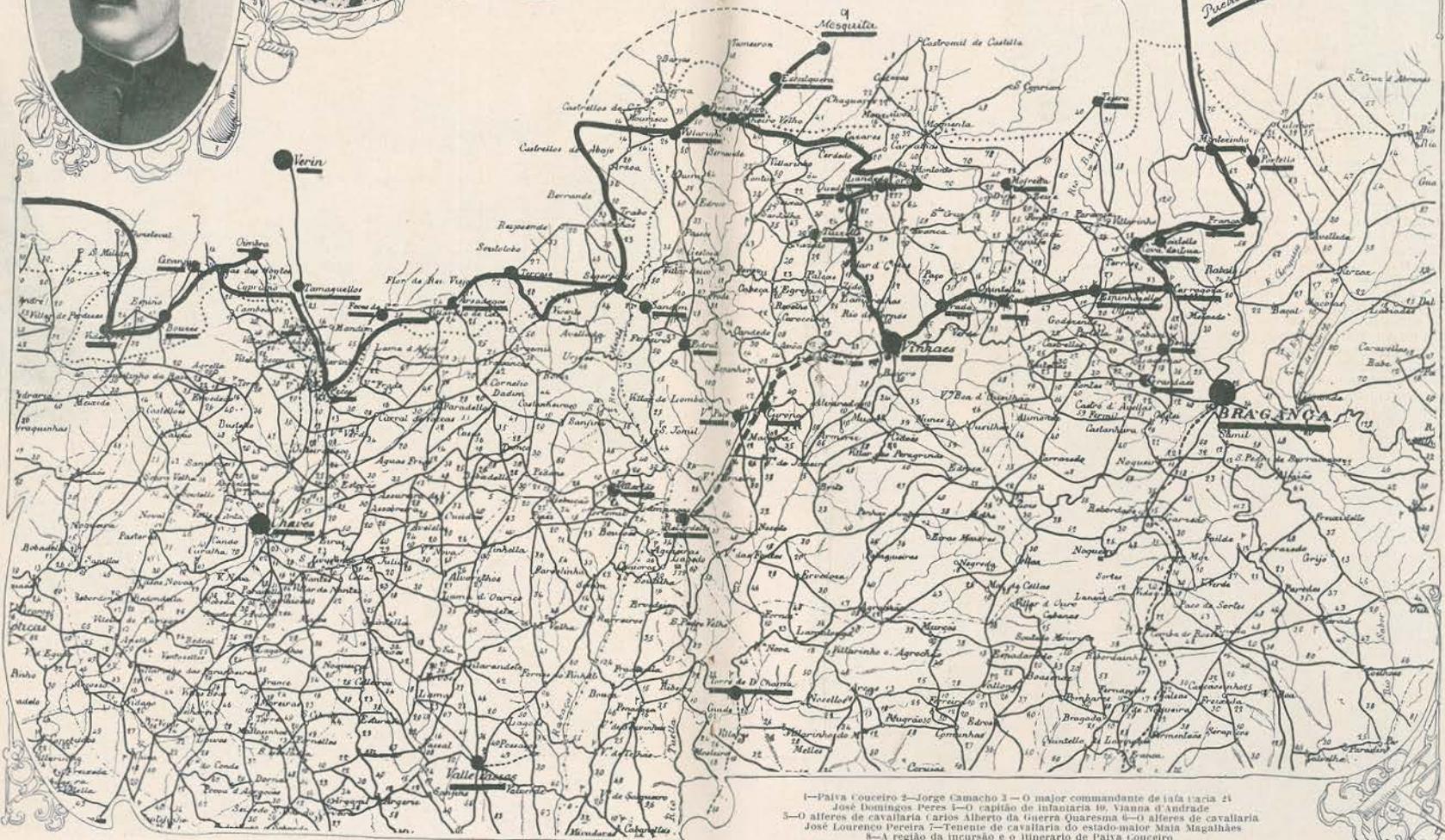
riguar precisamente—e de me transmittir com rapidez— qual o numero de incursionistas e a qualidade de armamento de que dispunham. No trajecto de Bragança a Vinhaes, a pé, gasta-se, pelo menos, oito horas. A noite estava chuvosa e fria. A força militar e os voluntarios, ao cabo de duas horas de marcha, sentiram-se de tal modo extenuados que pararam para descansar, accendendo fogueiras para desentorpecer os membros enregelados. Um camponez que os encontrou no caminho, informou-os de que Paiva Couceiro se fazia acompanhar por 2:500 homens bem armados. Tanto bastou para a força e os civis voltarem immediatamente a Bragança. .»

Sigamos agora as peripecias da marcha dos invasores até Vinhaes.

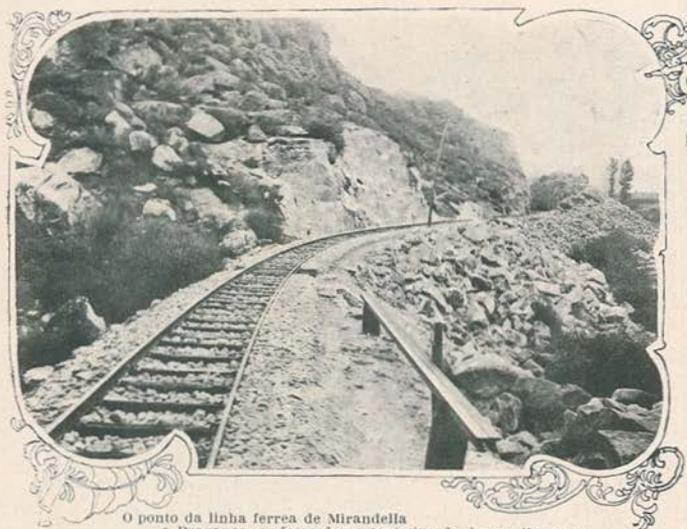
Na madrugada de 5, pouco depois das tres horas, as hostes realistas

reuniu as forças do seu commando (infantaria, cavallaria e guarda fiscal, ao todo 90 homens) e, após uma distribuição de munições, pediu a um amigo que enterrasse as restantes n'um quintal de Vinhaes. Depois, mandou a cavallaria fazer um reconhecimento e encaminhou-se para o Monte Rosario, que domina absolutamente a povoação. No emtanto, a cavallaria, de regresso do reconhecimento, informava-o de que os conspiradores avançavam em numero não inferior a 2:000 e que seria rematada loucura procurar resistir-lhes. O capitão Andrade desceu então o Monte Rosario e, n'uma marcha em acelerado, tentou retirar para Bragança, deixando o campo livre aos invasores.

Ao tempo, já a noticia da aproximação de Paiva Couceiro lançára em ruidosa alegria os moradores de Vinhaes. Alguns padres das cercanias



1—Paiva Couceiro 2—Jorge Camacho 3—O major comandante de tafa tacia 21 José Domingos Peres 4—O capitão de infantaria 19, Vianna d' Andrade 5—O alferes de cavalaria Carlos Alberto da Guerra Quaresma 6—O alferes de cavalaria José Lourenço Pereira 7—Tenente de cavalaria do estado-maior Maia Nigalhões 8—A regida do incursão e o itinerário de Paiva Couceiro (a linha pontuada indica o trajeto seguido pelo capitão Andrade na sua retirada depois do combate de Vinhós)



O ponto da linha ferrea de Mirandella a Bragança, onde se deu a tentativa de descarrilamento



conspiradores attingissem o Monte Rosario e que de Bragança lhe enviassem os reforços solicitados de manhã cedo. Os realistas, ao avança-rem de Prada sobre Vinhaes cortaram as linhas telegraphicas. E assim que a sua guarda avançada trepou ao Monte Rosario, o primeiro cuidado do commandante do respectivo pelotão foi o de plantar n'aquella eminen-cia um mastro onde tremulava a bandeira azul e branca. O capitão Andrade examinou durante alguns momentos a manobra do inimigo e recommendou aos seus soldados que não fizessem fogo, explicando-lhes que á distancia a que se ag-

que, concededores dos manejos realistas, se tinham dado rendez-vous na localidade, exhortavam os camponezes a receberem o chefe do bando como um novo Messias. De todos os individuos que n'essa occasião se encontravam em Vinhaes, apenas um, o administrador do concelho, se recusou ostensivamente a prestar homenagem e adhesão aos incursionistas. Valeu-lhe isso o ter que sahir precipitadamente da povoação e buscar apoio junto das forças com-

glomeravam os conspiradores seria tempo perdido o arriscar um tiroteio. Cêrca do meio dia, Paiva Couceiro, que tambem se entretivera uns instantes a fixar com o seu binoculo o Monte da Ucha e a força republicana, destacou o ex-tenente Sobral Figueira encarregando-o d'um recado para o capitão Andrade— seu antigo condiscipulo.

(Continúa)

Esboçando planos de combate

mandadas pelo capitão Andrade A's 11 da manhã, esse official que, diga-se de passagem, era considerado suspeito de monarchismo, desistiu de retirar para Bragança e calculando que os realistas não tardariam a occupar o Monte Rosario, deliberou ir tomar outra eminen-cia fronteira á distancia de 1:200 metros — o Monte a Ucha. A população de Vinhaes continuava a exultar de contentamento e não disfarçava a sua hostilidade contra os republicanos. Grupos de camponezes, armados ainda que summariamente, moviam-se d'um lado para outro, sem orientação definida. O capitão Andrade alinhou os seus soldados atraz d'uns penhascos e esperou que os



THEATRO CHINEZ

que a cada episodio a parte que é de convenção applicar-se.

As salas de espectaculos tem approximadamente o aspecto das nossas.

Filas de cadeiras em nivel interior ao do tablado, e amphitheatro em roda, em nivel superior.

Ao fundo do palco, onde não ha panno de bocca, toca uma orchestra de instrumentos infernaes, acompanhando em des afinadas symphonias o canto e a declamação dos actores.

Começa-se por convençionar que essa orchestra não está ali, e só assim se comprehende que nada a separe dos artistas em scena.

Não obstante, os chinas immundos que a compõem, comem, bebem, conversam, trazem muitas vezes as familias, multidão que para todos os effeitos se suppõe tambem não existir.

Communicam os tablad os com os camarins por meio de duas portas, tambem ao fundo.

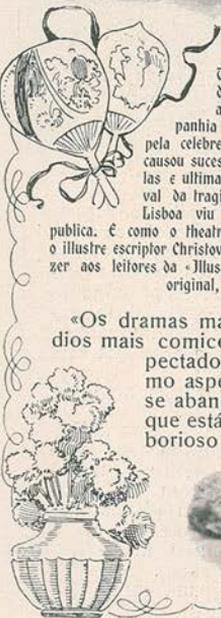
Por uma, a da direita, entram, pela outra, saem os personagens.

E' este o unico e im-



Dentro em pouco o theatro da Republica vae apresentar ao publico lisboeta uma companhia de actores chinezes dirigida pela celebre artista madame Schung que causou successo em Londres, em Bruxellas e ultimamente em Paris sendo a rival da tragica japoneza Sado Yacco que Lisboa viu tambem no palco do Republica. E como o theatro chinez é uma grande novidade na Europa o illustre escriptor Christovão flyres, filho, que o viu de perto, vae dizer aos leitores da «Ilustração Portuguesa» o que elle tem em si de original, de curioso, de estranho :

«Os dramas mais pungentes, ou os episodios mais comicos, passam aos olhos do espectador sensivelmente sob o mesmo aspecto, exigindo d'elle que não se abandone apenas á impressão do que está vendo, mas que, por um laborioso trabalho de memoria, appli-



pressionante *mise-en-scène*. Começa a função pelo aparecimento de um *coolie*, trazendo, em laia de pendão, uma longa tira de papel encarnado salpicada de heyerogliphos, onde se elucida o publico sobre o que fica convencional ser o scenario dos episodios que vão desenrolar-se. E com este facilimo processo

comico, a caracteristica ou a ingenua.

O verdugo, lembro-me eu, tem sempre o nariz cheio de alvaiade, como os clowns.

Pela sua fórma de andar, já alguma coisa mais se conclue.

Ha um modo de andar para ricos, outro para pobres, um para saos, outro para doentes.



de decoração ou mutação scenica, em que breve se amontoam na curta linha da ribalta, palacios, bosques, casas e rios, que o mais habil dos scenographos não conseguiria repartir por todos os theatros de uma capital.

Todos os movimentos das figuras passam, consequentemente, a depender do que estiver convencional, e como a scena não comporta de facto o largo espaço exigido, ha um numero infinito de regras que o actor ha de seguir para elucidar quem tem de o comprehender.

Assim, por exemplo, da entrada do personagem deve concluir-se metade da sua psychologia.

A caracterização define immediatamente o galá, o centro

A idéa de cavalleiro dispensa perfeitamente a do cavallo. Se o actor trazer uma chibata na mão, e levantar uma perna, já o espectador conclue que o garboso cavalleiro abandonou a montada. Enquanto a não levantar, sabe-se que está a cavallo.

Dois personagens acotovelam-se em scena.

Póde, porém, estar-se na hypothese de que um se acha no rez-do-chão, e outro no 1.º andar. Não se vêem, não se falam. Quando um d'elles indique que subiu a escada, então sim, então dialogam, contrascenam.

Querem alguma cousa





mais irrisoria? Estes leves traços entre as centenas que é preciso não ignorar, dão uma idéa da dificuldade de percepção, intangível aos europeus, de uma peça de theatro.

A mim só me espantava a boa vontade com que o publico se commovia deante da morte do personagem, que *ae pois do morto* se levantava, lepido, em buscas da sahida, ou estrondosa gargalhada com que era acolhida a queda ridicula de um personagem n'um lago do jardim, chegado ao nosso conhecimento pela sua simples declaração de que cahira e estava encharcado!

Nunca em scena vi mais do que umas cadeiras indispensaveis aos personagens que teem de sentarse, e essas trazidas e levadas por creaturas estranhas ao decorrer da peça: e todavia, nunca em theatro algum vi o auctor dispor de mais recursos *virtuaes* para animar os seus typos e dar vida aos seus assumptos.

Parece que assim, de accordo com o nosso ponto de vista, se deviam fazer obras dramaticas modelares. Mas não. No dramaturgo chinhez ha a responsabilidade radical de organizar um conjuncto, distribuindo



cutem-se, encarados sob o especial ponto de vista da moral e da religião, os mesmos crimes, os mesmos vícios, as mesmas quali-

na pobreza litteraria, e, sobretudo, n'esse convencionalismo forçado e absurdo, sob o qual tudo é fictício, desde o actor que representa até á sensação que elle nos quer transmittir.

E' ao pé da insignificancia do theatro chinnez que se tem bem a medida do progresso do nosso, e nas suas salas pesadas do fumo de petroleo, pestilentas da gente que as frequenta, inspidas pelo que lá se representa, sente-se a saude nostalgica dos nossos theatros alegres, com luz electrica a jorros, com os decotes ousados das

nossas mulheres, com o talento dos nossos actores, com o finissimo encanto das nossas actrizes!

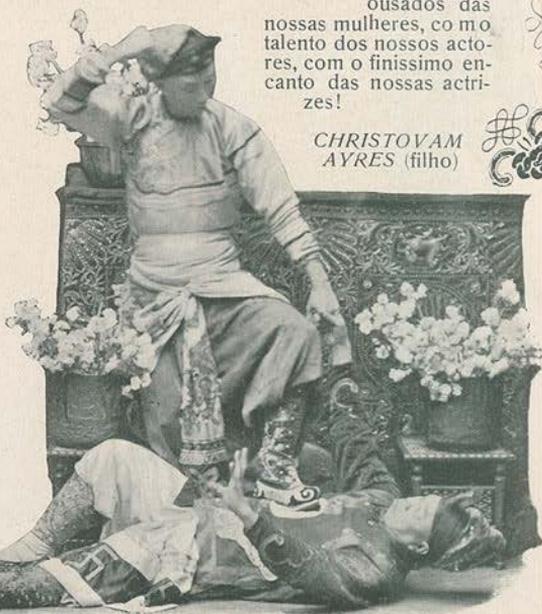
CHRISTOVAM
AYRES (filho)

dades de toda a humanidade, sempre misera, sempre igual

Vinganças, roubos descobertos, traições punidas, dedicações maternas e o desenrolar da vida intima na familia, a que a polygamia fornece um particular interesse.

No fundo são os nossos dramas, as nossas comedias, as nossas farças. Mas são pobres os processos de que elles lançam mão com o seu feitiço indolente e retrogrado.

Em tudo se sente a falta de comprehensão e de sentimento artistico:—na nudez do conjuncto,



O SEGUNDO GOVERNO CONSTITUCIONAL DA REPUBLICA



1— Dr. Augusto de Vasconcellos, presidente e ministro dos estrangeiros 2— Dr. Sidonio Paes, ministro das finanças; Dr. Estevão de Vasconcellos, ministro do fomento; Dr. Celestino d'Almeida, ministro da marinha; Tenente-coronel Alberto da Silveira, ministro da guerra 3— Dr. Antonio Macieira, ministro da justiça 4— Capitão-tenente Freitas Ribeiro, ministro das colonias

O ANIVERSARIO DA REPUBLICA EM LOANDA



1—O carro das Obras Publicas no cortejo civico

Não só na metropole e nas ilhas mas tambem nas colonias, sobretudo nas capitães e nas sédes dos districtos, se celebrou o anniversario da Republica com o



2—O carro do Centro Republicano Colonial no cortejo civico

maior jubilo e o mais delirante entusiasmo.

Em Loanda fizeram-se grandes festejos, engalanaram-se as ruas, inaugurou-se uma escola e a multidão sau-



3—O carro do Quartel General no cortejo civico

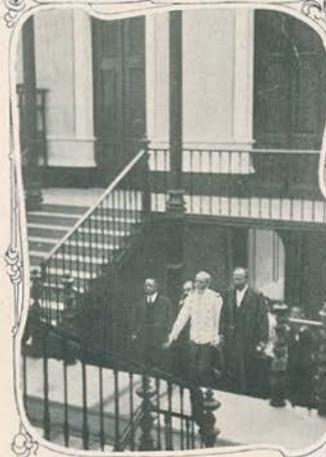
4—O carro dos Bombeiros Voluntarios no cortejo civico

5—A galeota conduzindo o governador na festa nautica



1—O barco de vela vencedor 2—Um aspecto da regata 3—A corrida de escaleres de 6 remos 4—A camara Municipal de Loanda 5—A largada dos barcos de vela 6—A chegada do governador à Camara Municipal 7—A festa do Velodromo

dou o governador, major Coelho, que foi um dos conjurados da revolução do Porto e esteve algum tempo deportado na colonia que a Republica o mandou dirigir.



A ENTREGA DAS CREDENCIAES DO MINISTRO DA ALLEMANHA.

O barão de Bodman, ministro da Allemanha em Portugal, entregou em 8 de novembro as suas credenciaes ao Presidente da Republica no palacio de Belem para onde foi com todas as regras do cerimonial escoltado por um esquadrão de lanceiros.

Acompanhavam-no o addido militar, o secretario da legação e o consul da Allemanha assistindo tambem á leitura do discurso de apresentação os srs. dr. Forbes Bessa, secretario da presidencia da Republica, ministros dos estrangeiros, guerra e marinha, capitão tenente Alvito e major Leitão.



1—O barão de Bodman ministro do Imperio Allemao, sahindo do paco de Belem, seguida pelo chefe do Protocolo sr. Batalha de Freitas
 2—O pessoal da Legação allema e o consul sr. Daenhardt

FIGURAS E FACTOS

O barco que recebeu o primeiro premio no concurso de embarcações, promovido pela Camara Municipal no lago do Campo Grande foi ornamentado pelo jardineiro municipal sr. Manuel Jorge e representava um pato, trabalhado com a maior arte e bom gosto. O segundo e terceiro premios foram conferidos aos srs. Arthur Lopes e Aurelio Arnaldo.



- 1—O barco premiado no concurso do Campo Grande, ornamentado pelo Jardineiro Manuel Jorge
- 2—A sessão solenne do 40.º anniversario da Associação de Socorros Mutuos Inabilidade, realizada no dia 5, na sala «Portugal» da Sociedade de Geographia
- 3—O «lunch» offerecido pela Junta Parochial de S. Sebastião da Pedreira ás creanças suas protegidas, na sede do Centro Latino Coelho

(Clichés de Benolle)

A Associação de Inabilidade durante os seus 40 annos, que celebrou em 5 de novembro, conseguiu pelos seus serviços ser considerada uma das mais prestimosas associações de socorros mutuos nacionaes.



A CHEGADA A LISBOA DOS DEPUTADOS REPUBLICANOS HESPAÑHOES



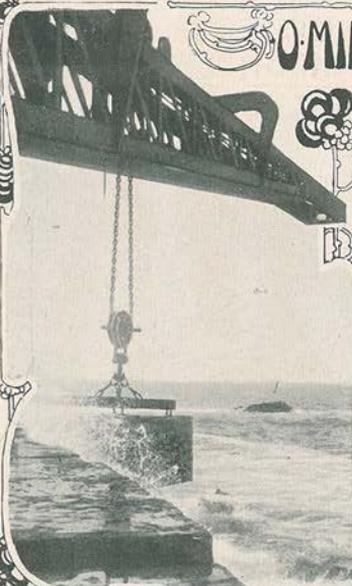
1—Os deputados hespanhoes descendo
a rampa do Rocio
acompanhados pela multidão

(Clichés de Renoiel)

2—Os deputados hespanhoes
D. Melquiades Alvarez, D. José Maria Isquerdo
e D. Alfredo Vicenti,
que vieram inaugurar o Centro Escolar
Democratico Hespanhol



O MINISTRO DO FOMENTO EM LEIXÕES



2—O ministro acompanhado pelo presidente da camara, sr. Xavier Esteves e governador civil sr. Rodrigo Rodrigues na sua visita a Leixões.

1—Um bloco de 30 toneladas atrado ao mar por um dos grandes guindastes do porto de Leixões

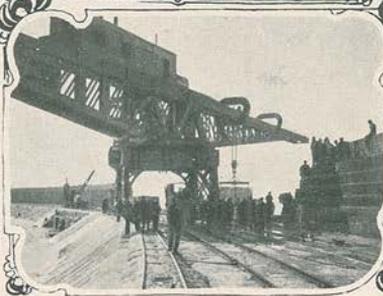
3—O vale do Leça, onde se projecta construir o porto commercial, docas, etc.

4—A entrada de Leixões vista atravez do «titan»



5—O «titan» do molhe sul manobrando para o lançamento d'um bloco

6—O ministro assistindo ao lançamento de um bloco
(Cliches do sr. Carlos Cardoso)



A EXPOSIÇÃO DE CHRYSANTHEMOS NO PALACIO DE CRYSTAL NO PORTO



1—Os chrysanthemos do sr. Julio de Moraes que obteve 8 medallas d'ouro pelas novidades da sua sementeira variadissima em colorido e forma



2—Aspecto geral da exposição na nave central do Palacio de Chrystal (Liches do sr. Carlos Pereira Cardoso)

Ruy Coelho — É um distincto compositor portuguez que estudou na Allemanha e brevemente apparecerá ao publico com algumas das suas composições, no Theatro de S. Carlos.

Acêrca d'este joven artista escreveu o illustre critico musical Romain Roland o seguinte: «a sua musica agrada-me, é já d'um bom musico-poeta e permite-me ter excellentes esperanças na sua obra futura.»

E' pois uma parte da obra que o critico conheceu que vae ser executada em Portugal havendo entre ella um *lied* feito sobre a poesia do poeta suiso Keller que já tentara o musico Wolff declarando todavia, Roland, ser superior ao d'este musico o trabalho do nosso compatriota.



1—O compositor portuguez
Ruy Coelho

2—O romancista José Torres
d'Abreu.



José Torres d'Abreu—Acaba de publicar uma pequena novella intitulada *Romance das Papiolas* escripto n'uma linguagem simples feita sobre a lenda do canto d'um cemiterio algarvio conforme o auctor explica no prefacio d'esse livro que é a sua primeira obra.

Tendo collaborado em varios jornaes e dado ás paginas da *Illustração Portugueza* alguns artigos com este volume o sr. Torres d'Abreu começa a definir-se na carreira litteraria

○ passado, o presente e o futuro



REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE
E PHYSIONOMISTA DA EUROPA

Madame

BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, chronologia e physiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambröze, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, Italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — LISBOA. Consultas a 18000 rs., 25000 e 38000 rs.

COMPREM AS

Sedas Suissas

Peçam as amostras das nossas novidades em preço bruto ou cfr:

Duchesse, Volle, Setim flexivel, Taffetas, Crêpe de Chine, Eolienne, Gôtele, Mous-seline, largura 120 cm. a partir de 1 fr. 25 e. o metro, **Veludo e Peluche** para vestidos, blusas etc. assim como **blusas e vestidos bordados** em tatisse, la, linho e seda.

Vendemos as nossas sedas garantidas solidas **directamente aos freguezes e francas de porte a domicilio.**

Schweizer & Co.
Lucerne E 11 (Suissa)

Exportação de sedas. Fornecedor da Corte Real

CAPITAL

Ações	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortização ..	266.400\$000
Réis ..	950.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Mariana e Sobreirinho (Chomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Valle Maior (Margarida-a-Velha). Installadas para uma produção annual de sei. milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é tornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. **Escriptorios e depositos:**

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276 **PORTO — 49, Rua de Passos Manoel, 51**
Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**
Numero telephonic: **Lisboa, 605 — Porto, 117**

CONSTIPAÇÕES antigas e recentes
TOSSES BRONCHITES
são radicalmente **CURADAS**
PELA
SOLUÇÃO PAUTAUBERGE
que dá
PULMÕES ROBUSTOS
e previne contra a
TUBERCULOSE
PREÇO PARA PORTUGAL: 800 reis o frasco.
L. PAUTAUBERGE
COURBEVOIE - PARIS
e em todas as Pharmacias.

Trabalhos de Zincogravura, Photogravura, Stereotypia, Impressão e Composição fazem-se nas officinas da **Ilustração Portuguesa**, postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes com inexcédivel perfeição. Zincogravura e Photogravura em zinco simples de 1.ª qualidade, cobreado ou nickelado. Em cobre. A côres, pelo mais recente processo — o de trichromia. Para jornaes com tramas especies para este genero de trabalhos. Stereotypia de toda a especie de composição. Impressão e composição de revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde e da noite.

Rua do Seculo, 43 — LISBOA

Para encadernar a

Ilustração Portuguesa

Já estão á venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o **PRIMEIRO SEMESTRE D'ESTE ANNO** da «Ilustração Portuguesa». Desenho novo de optimo effeito.

PREÇO 360 RÉIS

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envidiam-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remittida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicio respectivo.



ZEISS BINOCULOS
PARA
VIAGEM ♦ SPORT ♦ CAÇA
Peçam-se prospectos T 89
A' venda em todos os estabelecimentos de optica e por:
CARL ZEISS-JENA (Allemanha)
Berlim—Francfort s. M.—Hamburgo
Paris—Vienna—S. Petersburgo
Londres—Milão

Por seu poder sobrenatural

Este homem opera milagres

Os cegos enchergam, os paralyticos caminham. Os invalidos condemnados pelos medicos, recobram a saude graças a elle

NÃO HA MOLESTIA QUE ELLE NÃO CURE

Elle supprime as dores, sara as chagas, cura os cancroes, a consumpção e os tumores, e opera maravilhas que confundem a medicina moderna e desafiam a explicação

Offerta notavel de consultação gratuita feita aos doentes e aos afflictos. Elle os cura em suas proprias casas, sem vel-os, tão facilmente como se estivessem em sua presença

«Correspondencia especial.»—As curas quasi que milagrosas, obtidas pelo methodo do sr. professor Mann, d'esta cidade, são de um caracter tão sorprendente, que ellas causaram uma viva curiosidade, uma immensa sensação e uma admiração colossal. Innumerables vezes elle tratou doentes que eram declarados incuraveis pelos medicos e conseguiu trazel-os á saude e á vida, do modo o mais incomprehensivel. Seu methodo é envolto de profundo mysterio. Pois é averiguado que elle não se serve de droga alguma prescripta pelos medicos. Elle pretende ter descoberto uma certa lei natural, que possui propriedades especiaes e desconhecidas até hoje; com a applicação d'estas propriedades, nenhuma molestia é incuravel. É estabelecido, por provas indiscutíveis, que o poder mysterioso que lhe dou esta descoberta, lhe permitiu dar a vista aos cegos e o uso de seus membros nos paralyticos. Graças a ella, elle reacciona a chamma da vida que está quasi a apagar-se, em pessoas que estão á beira do tumulo e torna a dar a saude a doentes condemnados por sumidades medicas mesmo. Elle parece exercer uma auctoridade absoluta sobre as molestias que devastam a humanidade e parece dictar suas vontades á morte em pessoa. Seus conselhos são inteiramente gratuitos e se bem que a sua sciencia o ponha no caso de limitar sua pratica só a uma freguezia abastada e de adquirir assim uma grande e rapida fortuna, elle prefere dar gratuitamente seus conselhos a todos, sem distincção de classe nem de fortuna.

«Sou dono da minha descoberta, diz elle, e faço aproveitar a quem bem me parece. Posso curar com a mesma facilidade a tuberculose, o cancro, a paralytia, a albuminuria, a neurasthenia ou qualquer molestia chamada incuravel, como posso curar o rheumatismo, os embarracos gastricos, o catarrho, o envenenamento do sangue e as outras molestias que affectam o organismo. Tenho igual satisfação em dar meus conselhos ao pobre como ao rico. Quando se tracta da saude, o dinheiro cessa de ser um factor importante a meus olhos.

Eu trato o principio e o mendigo no mesmo pé de equalidade. Para mim todos são iguaes, como deante da lei; não faço nenhuma differença social entre meus doentes. Se quero prodigalizar meus cuidados a todos indifferenteemente, nada me impedirá de fazel-o. Direi mais: continuamente a cuidar de meus doentes com estes principios todo o tempo que for capaz de fazel-o. O que os outros fazem ou deixem de fazer, não me saberia influenciar. Sinto que é meu dever de curar aquelles que soffrem; não posso deixar meus semelhantes lutar em vão contra a molestia quando está em meu poder o alliviar-os. Pois affirmo de novo que não existe molestia que eu não possa curar.

Esta affirmacão pôde parecer cusada! Talvez o seja, mas não é mais que a verdade mesmo. Comecei a fazer maravilhas que está em minhas mãos, porque a luz em prova innumerables vezes. Vós sabeis que a tísica pulmonar é considerada incuravel; pois, não ha muito tempo, uma donzella, Miss H. L. Kelly, foi informada pelos medicos que era atacada de consumpção e que seus dias eram contados. Na opinião d'estes medicos, o mal era incuravel. A pobre rapariga se desesperava. Pois eu a curei, embora contra o veredicto da faculdade; curei seus pulmões e tornei a dar no seu corpo emaciado as feições de outrora. Uma senhora de Montéillard, actualmente sob meus cuidados para a mesma terrível molestia, me escreve que ella está quasi curada, e

com pouco poderel contar com mais uma victoria na minha luta contra a morte. Ninguém pôde avaliar a satisfação que tenho de roubar ao tumulo a preza que elle reclama; é impossivel comprehender o regoijo que se apodera de mim n'esta dominação absoluta que exerce sobre a morte.

A therapeutica moderna jámais curou o cancro. A cirurgia opera, mas o cancro volta sempre e traz sempre a morte, lenta mas seguramente. Curo o cancro, e isto sem o emprego do bisturi. Não preciso cortar as carnes nem serrar os ossos; meu tratamento é facil, agradável e não causa dor alguma, entretanto que o mal desaparece. Uma de minhas patientes, Mma. Melon, soffria d'este mal terrivel; ella já via deante de si a morte horrenda, mas entregou-se a meus cuidados e ficou completamente e radicalmente curada.

A paralytia é outra molestia supposta incuravel. Sr. A. Tournant soffria d'este mal terrivel. Com poucos dias apenas de tratamento, elle poude deixar o carrinho que não tinha abandonado durante oito annos.—Sr. Etienne Ducret ficou curado em oito dias de uma neurasthenia de que soffria havia onze annos. Sr. Ducret clama por toda a parte que eu fiz um milagre em seu favor.—Havia mais de trinta annos que sr. René Larcher padecia de rheumatismo articular; elle não podia mais caminhar, não comia mais, engordava muito e toda a especie de trabalho linha-se-lhe tornado impossivel; elle curou-se completamente com quinze dias de meu tratamento.

Sr. Cristobal Garcia era cego, havia seis annos, em consequencia de cataractas que affectavam ambos os olhos; em cinco dias elle ficou curado sem a menor intervenção cirurgica.

Os casos que acabo de citar são os que me veem á mente de momento, entre as centenas de casos mais ou menos identicos que estão archivados no meu cartorio; se os cito, é apenas para provar que não existem molestias incuraveis. Estas molestias eram incuraveis até á descoberta de meu methodo; ellas não o são mais hoje.»

—Mas como é que opera essas curas maravilhosas? Como é que possui este extraordinario poder?

«Ser-me-hia preciso uma explicação longa demais para esclarecer tudo isso; mas aqui tendes um livro que escrevi e no qual descrevo minha descoberta e meu modo de curar os doentes; eu não vendo este livro, mas sim o distribuo ás pessoas que se interessam por meu methodo; eu mando gratuitamente a todos aquelles que m'o pedem. Além d'isso, a toda a pessoa doente que me escreve, indicando-me seu sexo e descrevendo os symptoms de que soffre, envio o diagnostico de sua molestia, junto com o meu livro intitulado: *As forças secretas da natureza*. Dir-lhe-hei tambem a causa dos symptoms de que soffre actualmente e o modo de obter a sua cura pela Radiopathia. Abri em Paris um escriptorio para a correspondencia. Basta, para receber todas estas informacões escrever uma carta dirigida no sr. G. A. MANN, Secção n.º 2012 C. clé, Rua do Louvre n.º 48, Paris. A todos os que me escreverem darei a prova evidente do poder que possuo.»

—Quereis assim dizer que todo o mundo pôde, sem excepção, se prevalecer d'esta offerta graciosa?

«Digo absolutamente o que penso e farei absolutamente o que digo: Todos os que me escreverem receberão meu livro, o diagnostico de sua molestia e a prova do meu poder, a titulo absolutamente gratuito.»